

Uma etnografica das políticas do medo em espaços urbanos

Antonio Leonardo Figueiredo Calou¹

Resumo:

Se cessássemos os movimentos que compomos nesse tempo que nos faz um corpo-máquina-transporte – nesse corpo sem órgãos, corpo vazio que necessita ser preenchido – por alguns instantes e contemplássemos um pouco a mecânica produtiva da cidade – seja ela familiar a nós, seja desconhecida, a ser explorada – muitas de suas políticas ela iria nos evidenciar. Tudo na cidade, sua arquitetura, seus cheiros, suas cores, seus movimentos e etc, enunciam molecularmente o que está implícito nas políticas de seus usos, mesmo que transgressores e resistentes, nós sejamos reagentes a suas normas e códigos, fazendo emergir nossos novos usos possíveis. Sobre efeitos das máquinas tecnológicas, das massmídias e das máquinas sociais – que como pontos compositores de um rizoma produtor e informante da cidade – encontramos em alguns espaços urbanos, uma produção enunciativa e incorporal do medo, que por sua vez está explicitamente atravessado pelas vias das estruturas territorializantes que fazem os sujeitos envolvidos na formação da cidade, entender como uma política de seus usos, bem como traçar estratégias e táticas cotidianas para subverte-lo. Diante disso, este pequeno ensaio busca fazer uma etnografica de um pequeno trecho de rua localizada em um bairro nobre da cidade de Natal/RN, analisando e experienciando as produções políticas do medo implícitas na cidade e seus espaços urbanos.

Palavras-chave: Políticas do Medo; Etnografica; Micropolíticas; Espaços Urbanos.

Abstract:

If the movements that make up the time that a body-machine-transport - in this body without organs, empty body that is filled - for a few moments and contemplate the productive mechanics of the city for a while - it is familiar to us, be it unknown, the be explored - many of its policies it would show us. Everything in the city, its architecture, its undertakings, its nuclei, its movements and etc., state molecularly or that it is implicit in the policies of its uses, even if transgressive and resistant, we are reactive to its norms and codes, making our new possible uses. On the effects of technological machines, mass media and social machines - as points composed of a producer and informant in the city - it shows in some urban spaces, an enunciative production and incorporated to fear, which in turn is explicitly involved by the ways of territorialized structures that the subjects involved in the formation of the city make, understand it as a policy of its uses, as well as outline strategies and daily practices to subvert it. In view of this, this short essay seeks to ethnography a small stretch of street located in the upscale neighborhood of the city of Natal / RN, analyzing and experimenting as political productions of fear of implicit in the city and in its various urban spaces.

Keywords: Fear Policies; Ethnography; Micropolitics; Urban spaces.

O olhar percorre as rimas como se fossem páginas escritas: a cidade diz tudo o que você deve pensar, faz você repetir o discurso, e, enquanto você acredita estar visitando Tamara, não faz nada além de registrar nomes com os quais ela define a si própria e todas as suas partes.
(Calvino, 1972, p. 09).

¹ Sociólogo e Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN. E-mail: leo.calou@hotmail.com

Eram 15:59 do domingo 1 de setembro de 2019. Estava deitado no chão da sala em descanso, motivado pela exaustiva correção de um artigo de uma orientanda que me fez gastar a metade do dia. No momento contemplativo tive um *insight* de memória, acabei de lembrar que logo pela manhã tinha conversado com a orientadora do doutorado, buscando informações sobre esse texto, ainda por ser produzido. Com mil ideias na cabeça sobre o que escrever, mas sem nenhuma atitude e disposição de sair pela cidade para fazer observações – proposta para o exercício de experimentação da cidade – por medo de andar sozinho nela, levantei-me do chão ainda em desânimo, abri as janelas de vidro escurecidas de fumê que compõem a estrutura física do apartamento que moro, no terceiro andar do prédio Michelangelo (Candelária/Natal-RN), e encostei minha cabeça na tela de segurança que fica presa nas paredes exteriores do apartamento. Pus-me a pensar mais um grama de coisas aleatórias e afazeres que tinha, enquanto sentia o vento batendo no meu rosto e ouvia o piscado da cerca elétrica e o som de um bem-te-vi que cantava. Dentre as coisas que refletia, comecei a debater comigo mesmo, será que depois desse meu devir filósofo das teopolíticas² ainda existe etnógrafo/etnólogo que construa conhecimento sobre espaços e cidades?³ Implicado pela institucionalização⁴ acadêmica que me atravessa, a ponto de não acreditar muito naquilo que escrevo, eu só enfatizava para mim mesmo, "mas eu tenho que produzir, ou esse capitalismo acadêmico vai me consumir (em risos)", uma maneira de reiterar esse discurso como crença, para gerar força propulsora para escrita.

² Como proposta de uma teoria analítica *queer* de discursos religiosos, as teopolíticas são formuladas e encontradas em uma brecha das argumentações consentidas pelas teorias de poder soberano, biopoder e poder pastoral de Michel Foucault na obra *Em Defesa da Sociedade* (1999), onde me foi possível fazer visualizar que as teologias das mais diversas religiões e hibridizações dessas, oportunizadas pela globalização e pela pós-modernidade, criam um outro tipo de poder que engendra aspectos do poder soberano e do biopoder, bem como de uma teletecnociência, não tendo ligação estrita com o cristianismo, nem a confissão sendo a sua principal tecnologia do poder; o teopoder. As religiões, principalmente as que nascem por meio dos denominados Novos Movimentos Religiosos, atestam e confirmam por meio dos sentidos de suas teologias que existe um outro formato de gestão da vida manifesto pelos discursos religiosos, para esses formatos outros denominei de teopolíticas. A consulta dessa teoria pode ser feita através da leitura da dissertação que tem como título *De Sodomitas a Príncipes Maya: uma análise queer das teopolíticas do Vale do Amanhecer* (Calou, 2018).

³ Apesar desse devir filósofo, muito influenciado pelo que Deleuze e Guattari em *O que é filosofia* (1992) definem como o trabalho filosófico ser alimentado pela criação de conceitos e teorias que nos possibilite mudar e transformar a vida cotidiana, eu ainda sou cientista social de formação, com tendências à produção de pesquisas etnográficas e bastante híbridas entre a antropologia, a psicologia e a sociologia, e por alguns momentos no percurso de formação, escrevi algumas produções desse tipo considerando os espaços religiosos espiritualistas cristãos.

⁴ Para René Lourau (2004 apud Passos & Barros, 2015) a institucionalização, ou processo de institucionalização diz respeito a um conjunto de forças, de intensidades produzidas em meio a um certo inconsciente institucional, ou seja, aquilo que os enunciados fazem instituir criando valores, crenças, interesses e etc. O processo de desinstitucionalização então tem a ver com os modos de escape da normatividade instituída. Esse processo, que é subversivo, faz atualizar as resistências e potencializar suas linhas de fuga, criando novas formas de atuação no mundo.

Ali estava, olhando para a cidade em movimento, daquela janela de vidros escuros no alto do meu prédio, fixado no buraco em que uma árvore do prédio vizinho (que batizei de prédio dos alternativos) fazia no entrelace dos seus galhos, quando avisto sobre o foco, uma senhora baixa com aparência de meia-idade vestida em legue preto e blusa branca com algum detalhe não percebido, e carregando uma bolsa caramelo de couro sintético. Aquela senhora branca de cabelos avermelhados que tinha acabado de virar a esquina da Avenida Senador Salgado Filho, começou a dar passadas rápidas, num ritmo que aumentava compulsivamente após ter entrado na rua Professor Moura Rabelo. Não se tratava apenas de uma impressão minha, o compassar compulsório era bem real, tanto que ao passar pelo meu prédio, que se situa bem no meio da enorme quadra, já considerava que ela estava correndo, até a perder de vista. A princípio, idealizei que fosse atraso o motivo, mas não fazia sentido quando o compassar era lento até a dobra da esquina, foi então que avistei dois jovens vindos do mesmo ponto que aquela senhora.

Diferente da senhora, os jovens que aparentavam ter entre 18 e 25 anos, não andavam de forma similar, apressados, pareciam passos monótonos, porém atentos. Um dos jovens, que vestia camisa vermelha e short jeans azul, olhava costumeiramente para trás, ao tempo que dialogava com o outro sujeito em cena, esse vestindo camiseta branca com listras amarelas e um short de algum tipo de malha moletom preto. A princípio também considerei ser algo banal, como olhar para atravessar a rua, mas também não fez e/ou faria sentido, tendo em vista que o mesmo jovem continuou a fazê-lo por mais duas vezes, até entrar no mesmo prédio que moro.

Implicado por essas cenas em movimento, compreendi, dessas janelas escuras aqui no alto, que eu consigo ver a cidade produzida e produtora de micropolíticas que compõem os movimentos moleculares e rizomáticos⁵ entre linguagens, imagens, estruturas, corpos e subjetividades (Deleuze & Guattari, 1995). E junto a isso, dessas janelas escuras, eu consigo ver a produção do medo que se sobrecodifica pelas mesmas estruturas e enunciados e se manifesta, incorporado nos corpos transeuntes e nas subjetividades. Trata-se de um ritornelo, aquilo que Guattari em *Caosmose* (2006), entende como a repetição que cria um território existencial, os vários e muitos enunciados, sejam eles pré-discursivos, acometidos pelos instantes (pela duração) de um acontecimento que engendram o sentido e fazem produzir um discurso que se repete se atualizando; seja ele discursivo, já repetido, reiterado e incorporado

⁵ O que entendo por movimentos moleculares e rizomáticos se estende sobre as teorias inscritas em *Mil Platôs* (1995), trata-se dos movimentos produzidos pelas intensidades dos enunciados incorporados na subjetividade desses corpos transeuntes e da própria cidade. São moleculares porque habitam um campo micro de forças e intensidades, e são rizomáticos porque são infinitos os elementos coprodutores tanto do sujeito como dos espaços, paisagens, da cidade em si, nunca da mesma forma, sempre atualizados na experiência dos instantes.

em todo o significado que normalizam as ações sobre as imagens. O medo é ritornelo do medo, é o refrão que incorpora e faz mover.

Me coloquei então a pensar sobre essa metade de quadra entre a Avenida Senador Salgado Filho e o prédio que moro na Rua Professor Moura Rabelo, no bairro da Candelária em Natal.



Imagens: Pequeno pedaço de quadra etnocartografada. **Fonte:** Google Earth.

São exatamente 13 lotes da esquina até o Condomínio Michelangelo, dentre esses, dois são terrenos baldios (sem construções), dois se tratam de imóveis comerciais – um que reúne o conselho de corretores de imóveis da cidade e o outro uma clínica de psicologia chamada Metacognitiva –, e o restante é de imóveis residenciais, incluindo um que me chama atenção, o “prédio dos alternativos”. Sempre que passo em frente, costumo elogiar mentalmente a estrutura do prédio, sua estilística rústica e cheio de natureza ao seu redor, bem como sua aparência de prédio mais antigo que me fascina. Mas esses elogios sempre se contrapõem aos “alternativos” que moram no prédio, eles me lembram o trabalho de mestrado de uma conhecida, apresentado na Reunião Equatorial de Antropologia em Fortaleza, salvo engano, em 2013, que tentou mostrar as contradições da identidade do “alternativo”⁶, desvendando que muito pouco conhecem e praticam a equidade e resiliência sobre o diferente, e que seus estilos de vida são bem capitalísticos.

No domingo, o silêncio na cidade paira, as pessoas pouco usam esse pedaço de rua, e o que percebo é que, as que usam, são jovens, provavelmente estudantes que moram nos prédios mais convencionais, já que a localização é relativamente perto da Universidade Federal do Rio

⁶ Alternativo é uma palavra que se constitui por uma dupla significância; (1) a de que existe um movimento de alternância, ou seja, que se altera perante as contradições de forças – e aqui poderíamos considerar a força dos enunciados – e (2) de que essas alterações entre contradições são características resultantes de sínteses que oferecem possibilidades, opções. A palavra e sua significação é complacente de uma produção segmentaria, de uma dialética. Porém, a síntese dialética nunca deixa de, assim que é produzida, virar uma tese, recompondo para si novas normas que engendram uma força direta, uma linha dura. Parece significância perpassa os sentidos das identidades dos alternativos enquanto grupos sociais, tendo em vista que sempre voltam a se enquadrar em normas de ser alternativo. E para fugir disso, talvez seja necessário produzir um devir-alternativo, uma imanente e reflexiva produção de ser alternativo, sem considerar sua significância dialética, mas transformá-la em possibilidades de produção de si, amplas, múltiplas e por composição de vários vetores.

Grande do Norte (UFRN). As outras pessoas entram e saem de seus prédios de carro, acopladas como um corpo-máquina-transporte, para idealizar o que Fortuna diz sobre os pés "convertidos em meros auxiliares da condução automóvel" (2018, p. 136), o advento que faz perder a sociabilidade que o transitar pela cidade fazia emergir – perda movida pela ganância capitalista em gestão de tempos e corpos. Mas também, e no caso de ruas como essas da Candelária, fez mover o silêncio e o vazio. Um silêncio e um vazio que enunciam um ar esquisito de abandono, que realmente incomoda, e incita medo.

Nos próximos 20 minutos, nada acontece além de carros e motos – em sua maioria de *fastfood* – passando, subindo e descendo naquele pedaço de rua. Diante de tais cenas, sentei para anotar alguns pontos e deixar a criatividade discorrer, buscando me deixar implicar por aquelas cenas em movimento, idealizando uma etnocartografia⁷ dos usos de uma pequena quadra onde o medo é produzido e move os transeuntes.

Não é novidade para mim que sou estrangeiro à cidade natal, nem mesmo a seus habitantes, que o bairro da Candelária é um bairro conhecido por abrigar pessoas com certa aquisição financeira – apesar também de demonstrar suas resistências e abrigar estudantes e moradores de rua nômades. Isso não é difícil de se perceber, aliás as próprias construções constituídas denunciam seus *status* de bairro nobre, visualizadas pelos significativos silêncios e vazios de suas ruas, pelas grandes quadras que demarcam as aquisições territoriais – e, por isso, financeiras – e o baixo fluxo de pedestres, que consecutivamente expõe o seu oposto, o alto fluxo de automóveis. A candelária, ao que me parece, não tem em si um processo de gentrificação (enobrecimento) enunciado em sua história, a arquitetura dos prédios que muitos são de estética um pouco passada, em contraponto as novidades contemporâneas, me faz compreender que seu enobrecimento vem de berço, bem como os aspectos “destrutivos” de comunidade que, como afirma Sennett comentado por Leite (2002, p. 121), “designa as relações

⁷ Talvez seja necessário contextualizar o que me permito compreender por etnocartografias. Tomado basicamente pela tese de Bittencourt (2011), entendo a etnocartografia com uma ponte inventiva de produção de cultura implicada molecularmente com o campo e se produzindo continuamente e em coemergência. Trate-se de pensar pela etnografia, o “objeto de pesquisa” para além do que a ele se denomina, o que se pretende é deixar-se afetar pelo campo e os encontros proporcionados, entendendo que esses não se compõem pela simples estima ou afinidade, mas por “composição de corpos (físicos, psíquicos, sociais e verbais) que nos permitem a construção de pontes de sentidos” (Bittencourt, 2011, p. 35-36). Assim, a cartografia e seus modos de fazer pesquisa política e implicada das imagens em movimento (Rolnik, 2016), trazem para etnografia uma contribuição bem específica, a de que se pode construir sentidos em coprodução, ampliando as observações participantes que se repetem atualizadas, em várias vezes em que se dispõe a ir a campo. Como também, e ainda, possibilitando fazer experienciar o campo em seus “bons e maus encontros” (Bittencourt, 2011, p.22), sem que este esteja ainda visualizado sobre o distanciamento, mas por composição e corporificação de afetos. O que nos deixa aqui a brecha para pensar nas táticas ou práticas de resistências cotidianas (Certeau, 1998) e considera-las como analisadores potentes das invenções da cultura (ou cultura inventiva), recusando o estruturalismo das relações de poderes e mapeando forças e intensidades resistentes, bem como se afastando dos modelos de representação.

públicas que exacerbam intimidades e tiranizam a vida cotidiana”. Contudo, ainda se percebe um processo de gentrificação mais molecular que fala pelas paredes, pelo chão encaixado por paralelepípedos, pelos cumprimentos largos das ruas e avenidas, pelo esvaziamento de seus espaços, do pouco uso deles e etc. Essa gentrificação molecular diz respeito aos sentidos que se enunciam por tudo isso a quem se determina ao uso de seus espaços, sem que estejam acopladas as suas máquinas de transitar.

Junto com sua identificação que se demarca por suas imagens e enunciados, a localidade carrega consigo a ideia de ser um bairro “perigoso”, ambicionado por assaltantes; discursos viesados pelos inúmeros assaltos que ocorrem em suas vias. E apesar de todo o mecanismo tecnológico de segurança que se instala em seus prédios e vias, a produção de insegurança de seus moradores é contundentemente denunciada através das narrativas dos vizinhos de prédio que contam suas experiências. Por meio dessas narrativas que denunciam a insegurança, o medo é também enunciado, potencializado e corporificado nas ações e gestos dos pedestres do bairro, aliás, seriam eles/elas as vítimas preferenciais.

Talvez eu tenha encontrado uma justificativa para aquelas ações manifestas nas cenas capturadas. Mesmo estando convicto de que isso é apenas uma experimentação/implicação desse espaço, me instigo a pensar que existe uma produção do medo, e esse medo, está molecularmente implícito na cidade. De acordo com Sobrinho (2005), o medo e a sensação de insegurança é, antes de mais nada, um enunciado, o enunciado do medo que é posto em evidência através de uma cadeia de discursos e códigos produtores, de imagens que fabricam o terror social no senso comum. Para o advogado que se dedica sobre a sociologia política aos estudos da cultura do medo, as sensações de medo são produzidas através de uma antecipação nas formas como se comunica o pânico, nas significações que as imagens operam, e que, o sujeito social atravessado por elas, se desloca criando redes reagentes as suas sensações de sentir-se inseguros (Sobrinho, 2005; Eckert, 2002) .

Foucault (2007), a quem o advogado não deixa de estabelecer diálogo, compreende sobre o conceito de panóptico que as próprias estruturas e os discursos a eles atribuídos, enunciam aos sujeitos um conjunto de códigos operacionais de suas ações. São discursos que produzem poder, mas o poder não como relação dual de oposição binária entre soberano/subalterno, dominante/dominado e etc., e sim, como força produtiva, concebida em redes e materializados em todas as relações. Guattari (2007; 2010) chamou essa rede semiótica de micropolíticas, partículas moleculares que quando expressas, geram uma força que atravessa e compõe coisas, corpos, pensamentos e etc., constituindo-os e sendo constituidores, afetantes

e afetados; forças transformadoras que se movem numa intrínseca relação de causa e efeito, acometidas numa fração de segundos, num *fractal*, um instante acolhedor de uma multiplicidade de composição de imagens, discursos, enunciados e etc. As micropolíticas da cidade constituem o todo, porque está em toda parte, em cada paisagem que enunciam algo, nos lugares e também nos não-lugares (os conhecidos espaços de passagem, onde julga-se não se construir significados sobre eles).

A cidade é matéria molecular e todo seu conjunto enuncia políticas e talvez essas políticas possam estar enunciando o medo, aliás, aquele pedaço de uma longa quadra está cheio de discursos, de sentidos, de matérias que contém forças. O próprio silêncio e o vazio são enunciadores. Sobre o silêncio e o vazio uma política é incitada, a de que: “a rua silenciosa e sem ninguém, não é um espaço seguro”. E apesar de ser um paradoxo, pois estamos sempre à espreita do outro desconhecido que pode violar os limites éticos de nossa sociabilidade, o silêncio e o vazio também demonstram que estamos ligados uns aos outros, que está em meio a pessoas nos deixa mais seguros e que a sociabilidade nos é necessária.

Assim, penso que aquela senhora branca de cabelos avermelhados, estaria atravessada pelos demais enunciados que se produz sobre a cidade – e mais especificamente, sobre aquele pedaço de rua da Candelária – e o que a própria cidade produz sobre ela; os discursos que incutem e potencializam o medo sobre o andar na cidade e o silêncio e vazio que promovem a sensação de abandono e espreita ao acontecimento inesperado e trágico. Modificar o anda ou correr, tornar-se uma angustiante reação estratégica as políticas do medo enunciadas pela cidade, na busca de uma segurança; mais pessoas e/ou paredes, onde se possa visualizar confiabilidade e proteção.

As políticas do medo enunciadas pela cidade e corporificadas nos sujeitos, criam também movimentos impensados, gestos e ações que se manifestam visivelmente, mas não são refletidos. Um ritornelo e sua territorialização existencial, como enfatizado anteriormente, um modo de subjetivação que ao ser repetido como um refrão, se incorporou e fez mover uma intensidade sutil e quase imperceptível para aquele que repete o gesto (Guattari, 2006). O olhar constante para trás, indica essa corporificação do enunciado, que por ser repetida, fazem os sujeitos performarem o medo incutido⁸. É a linguagem do corpo afetado, transformado por uma

⁸ Para Judith Butler (2015), nós estamos constantemente performando os sentidos que apreendemos e incorporamos no cotidiano. A performatividade parte dos conjuntos de códigos que reiterados nos fazem mover-nos sobre as ações normativas dos significados. Contudo, assim como os próprios códigos são promovidos pelos encontros dos corpos e os acontecimentos que eles gestão, as performances nem sempre obedecem às normativas dos sentidos, em certos momentos elas escapam, criando sentidos outros e subversivos, possibilitando performances subversivas, resistentes às normalidades.

micropolítica, a norma de que o andar pela cidade, em certas localidades, exige atenção. Olhar para trás é uma resposta, uma resistência, pois há que se pensar que, seja lá quais os motivos, o andar pela cidade é necessário, mesmo que tenhamos que produzir linhas de fuga das forças de suas micropolíticas. Isso é, como diz Ernesto Venturini (2009, p. 217), “testemunho da ‘necessidade de cidade’ que todo indivíduo possui e exprime”.

Após escrever os pontos a serem descritos e analisados, me levantei da mesa e segui novamente até aquela janela de vidros fumê, no intuito de fechá-la. Mas antes disso, olhei mais uma vez para aquele ponto norte de minhas reflexões e avistei agora um senhor, com idade de aproximadamente 50 e 60 anos, vestido de short curto azul e camiseta branca, passeando tranquilamente junto ao seu cão que parecia ser de raça pastor alemão. Aquele senhor me fez ver que existem outras formas de vidas resistentes às micropolíticas do medo do andar pela cidade, mesmo que estrategicamente, ou não, se caminhe com um pastor alemão como modo de proteção, de confiabilidade e de sociabilidade. Mesmo que tenhamos que criar nossas táticas cotidianas para resistir e experimentar a cidade (Certeau, 1998).

Por outro lado, é possível pensar que, para além de a produção do medo na cidade se enunciar por meio de micropolíticas, elas criam uma espécie de ambivalência, ou melhor, de complexificação dos sentidos do medo. Medo do outro desconhecido, mas também medo de não o ter por perto. No intermédio dessa insegurança que parece ser própria das relações sociais contemporâneas – engendradas por uma subjetividade capitalística que fomenta a individualização, inclusive nas estratificações que as classes sociais, enquanto dizeres de classes, enunciam –, andar armado pela cidade, mesmo que com um cão de guarda, torna-se uma estratégia de se manter dentro das políticas do medo que a cidade enuncia, lhes dizendo formas de segurança do desconhecido, mas também das possíveis relações que poderiam se compor. O medo é, portanto, um conjunto de códigos que constroem relações sociais e que, por isso, faz mover toda uma economia dos corpos transeuntes em seus usos da cidade.

E os bem-te-vis continuaram cantando, porque eles nunca cessam, é como a cidade que nunca cessa de produzir e cantar suas políticas e formas de usos, como nós também que não paramos de resistir taticamente e estrategicamente a elas, produzindo nossos contra-usos, ou nos adequando a suas políticas. Fechei as janelas escuras por volta das 17 horas, por conta de uma nuvem de chuva passageira que havia chegado e eu não poderia deixar molhar o apartamento que havia limpo no dia anterior...

Referências

- Bittencourt, J. B. M. (2011). **Nas encruzilhadas da rebeldia: uma etnografica dos straightedges em São Paulo**. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais). Universidade Estadual de Campinas.
- Butler, J. (2015). **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. 9º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Calou, A. L. F. (2018). **De sodomitas a príncipes maya: uma análise queer das teopolíticas do Vale do Amanhecer**. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões). Universidade Federal da Paraíba.
- Calvino, I. (1971). **As Cidades Invisíveis**. Trad. de Diogo Mainardi. Biblioteca Folha.
- Certeau, M. de. (1998). **A Invenção do Cotidiano: artes de fazer**. 3º ed. Trad. de Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes.
- Deleuze, G.; Guattari, F. (1992). **O que é Filosofia?**. Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: editora 34.
- Deleuze, G.; Guattari, F. (1995) **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Trad. Ana Lúcia de Oliveira. São Paulo: editora 34.
- Eckert, C. (2002). **A cultura do medo e as tensões do viver a cidade: narrativa e trajetória de velhos moradores de Porto Alegre**. In M. C. S. Minayo; C. E. A. Coimbra Junior. (Orgs.). Antropologia, saúde e envelhecimento. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- Fortuna, C. (2018). **Caminhar urbano e vivências imprevistas**. Revista Brasileira de Sociologia, 6(13), mai/ago.
- Foucault, M. (2007). **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Trad. de Raquel Ramallete. Petrópolis: Editora Vozes.
- Foucault, M. **Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)**. 1º ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- Guattari, F. (2006). **Caosmose: um novo paradigma estético**. 4º ed. Trad. de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: editora 34.
- Guattari, F. (2007). 1985. **Microfísica dos Poderes e Micropolíticas dos Desejos**. In A. Queiroz.; N. V. Cruz. (Org.) Foucault Hoje?. Rio de Janeiro: 7 Letras.
- Guattari, F.; Rolnik, S. (2010). **Micropolíticas: cartografias do desejo**. 10º ed. Petrópolis: Vozes Editora.
- Leite, R. P. (2002). **Contra-usos e Espaços Públicos: notas sobre a construção social dos lugares Manguetown**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, 17(49), 115-134, jun.
- Passos, E.; Barros, R. B. de. (2015). **A cartografia como método de pesquisa intervenção**. In E. Passos, V. Kastrup & L. da Escóssia. (Orgs). Pistas do Método da Cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulinas.
- Rolnik, S. (2016). **Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. 2º ed. Porto Alegre: Editora Sulina.
- Sobrinho, S. F. C. G. (2005). **A cultura do medo e as transgressões contemporâneas. Direito, Estado e Sociedade**, 9(27), 215-226, jul/dez.
- Venturini, E. (2009). **A Cidade dos Outros**. Trad. De Myriam Filippis. Fractal: Revista de Psicologia, 21(01), 203-222, mai/ago.